



A PEDAGOGIA EM INTERFACE COM A EDUCAÇÃO POPULAR: LIMITES E POSSIBILIDADES

Luciane Rocha Ferreira Pielke – lucianekatu@gmail.com
GT 14: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

Resumo:

A Pedagogia como Ciência que estuda o fenômeno polissêmico da educação, seus processos, profissionalidade, impasses, avanços/retrocessos, desafios/possibilidades carece, nesse contexto de pandemia global, ser problematizada. Retomar/ressignificar seus sentidos de modo a compreender sua relevância frente aos empassos, limites e descontinuidades do fazer pedagógico devido rupturas, lacunas e fragilidades nos processos intempestivos ocasionados pela urgência pandêmica do Ensino Híbrido, das aulas remotas, do estudo online e offline, da nova roupagem que foi sendo desenhada desfoque o lugar epistemológico da Ciência da Educação. O objetivo deste ensaio é olhar para essa realidade a partir da contribuição da Educação Popular visando valorizar dimensões determinantes que fazem da Pedagogia um poder-saber que perpassa modelos, técnicas e estratégias de ensino. A educação é mais do que um mercado com Receitas Metodológicas *à la carte*. Com Freire, Brandão, Gohn e Libâneo refletiremos sobre a Pedagogia como Ciência da Educação em interface com pressupostos da Educação Popular Freireana a partir desse contexto de distanciamento social. Um movimento que pretende perceber os limites e possibilidades nas entrelinhas desse processo que pode ser transformador: tanto para a forma como concebemos e apropriamos da Pedagogia, como para empoderar nossas práticas pedagógicas com pressupostos da Educação Popular libertadora.

Palavras-chave: Pedagogia. Educação Popular. Ciência da Educação. Pandemia. Interface pedagógica.

1 Introdução

Tratar do fenômeno educativo, do processo pedagógico e dos diferentes campos de atuação da Pedagogia – em interface ou não com a Educação Popular – exige reconhecer que “Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante”. (LIBÂNEO, 2010, p. 26).

Este ensaio emerge de estudos e pesquisas que articulam diferentes saberes – acadêmicos e populares - através do campo da Educação Popular no diálogo com os Movimentos Sociais Populares (MSP) e a Universidade. Nesse processo, nos (des)encontramos com um vale de imprecisões, confusões, aligeiramentos, reducionismos e/ou equívocos sobre o lugar epistemológico da Pedagogia. Considerando-se que essa é a Ciência basal para repensar, recriar e reelaborar os processos educativos e pedagógicos do ensinar e do aprender, do organizar, sistematizar e reconstruir diferentes

saberes e perspectivas da teoria e da prática entendemos a urgência de problematizar o lugar da Pedagogia em tempos de pandemia.

O tema “A educação no digital: A pandemia Covid-19, democracias e resistências” nos convida a (re)pensar muitas verdades, lugares, atores, rituais e modos do processo pedagógico. As resistências em um tempo paradoxal, onde se exige reafirmações e defesas sobre conquistas históricas, são campo minado, mas fundamentais para não perder de vista a utopia da democracia. Uma democracia jovem e frágil que nem sempre foi realmente respeitada pela realidade atravessada e manipulada por forças antagônicas.

Diante dessa realidade, neste artigo operaremos uma triangulação teórica entre nossos estudos Ferreira (2018; 2016) com reflexões de Libâneo (2010), Brandão (2016) e Freire (1996; 1997) delineando aspectos fundamentais da Pedagogia como Ciência da Educação em interface com pressupostos da Educação Popular freireana.

A intenção é promover uma discussão/reflexão sobre a necessidade de valorização e ressignificação epistemológica da Pedagogia como um *ethos* para além dos muros escolares, para além das receitas didáticas, do ensino transmissivo passivo, do banquete das metodologias ativas procedimentais que parece estar sendo seu lugar hoje, pois:

Por mais que se reconheça que as transformações na educação decorrem de necessidades e exigências geradas pela reorganização produtiva e pela competitividade no âmbito das instituições capitalistas, portanto, com um caráter economicista, tecnocrático e expoliador, é notório que nos encontramos diante de novas realidades em relação ao conhecimento e à formação (LIBÂNEO, 2010, p. 28).

As amarras culturais e econômicas perpassam o tecido social de várias formas. A educação foi sendo concebida e apropriada como mais um produto a serviço da ordem estabelecida: um serviço *a la carte*, ao “modo do freguês”. As lutas históricas, tanto aqui no Brasil, como na América Latina como um todo, por torná-la laica, gratuita e de qualidade nunca foram tão acirradas. O padrão que está se consolidando é o da restrição.

Retomar a discussão sobre a Pedagogia em sua pluralidade, mas também especificidade pedagógica, sob critérios libertadores, contestadores e revolucionários pode fortalecê-la enquanto Ciência de uma Educação realmente transformadora. Esse movimento pode, sobretudo, fortalecer intercâmbios entre pesquisas, redes de colaboração e força diante da realidade de transgressões contra direitos inalienáveis hoje questionados e esvaziados por políticas neoliberais de base conservadora.

Esse processo carece ser assumido enquanto conteúdo vivo da experiência de enfrentamento em todos os espaços educativos de construção de conhecimento para que,

desde o cotidiano, se promova a cultura da indignação contra os retrocessos e as mentiras ideológicas que sobrevivemos. Penso que a tarefa **onto-epistemológica** da pesquisadora/pesquisador engajada/o com o horizonte da transformação é colaborar com a *reflexão-ação-reflexão* sem perder a ternura e a utopia de que dias melhores virão. O convite é poder olhar a Pedagogia sob as lentes libertadoras da Educação Popular freireana como bandeira a ser defendida enquanto *práxis* de uma outra educação possível.

2 A Ciência da Educação revisitada pela Educação Popular: Aproximações possíveis

Acolhemos a Pedagogia enquanto um fenômeno plurifacetado tecido ao longo do processo sócio-histórico e sócio-político através do qual foi assumindo contornos cada vez mais complexos, pois acompanha o movimento de uma **sociedade** extremamente desigual, racista, machista, classista, porém, cambiante e **em trânsito**¹ permanentemente. A busca incessante pela defesa dos direitos conquistados ao longo de todo um período histórico hoje enfrenta uma realidade revestida do mais descarado e doentio uso de dimensões elementares à vida familiar e comunitária que poderiam refletir no *Bem Viver*², mas que são habilmente manipulados e renomeados, tornando-se ferramentas hostis.

Nessa realidade, dimensões transcendentais, afetivas, curativas e místicas como religião, Deus, o amor, o bem e a família são apropriados como instrumentos ideológicos de manipulação, distorção da realidade, desinformação, manutenção do medo e da exclusão. Em *Educação como prática da liberdade* (1996, p. 14-15), Freire nos lembra que: “A liberdade é concebida como modo de ser o destino do Homem, mas por isso mesmo só pode ter sentido na história que os homens vivem”.

Que “história” estamos a sobreviver nesses últimos cinco anos? Uma história de empatia, de solidariedade e cuidado com o outro? Com a manutenção/valorização das políticas públicas de empregabilidade; das que tratam da segurança alimentar das pessoas empobrecidas; das que garantem e ampliam os serviços sociais e políticos conquistados, ou que dê acesso a educação pública de qualidade frente a realidade pandêmica? Não!

¹ Sendo a fase de trânsito o elo entre uma época que se esvaziava e uma nova que ia se consubstanciando, tinha algo de alongamento e algo de adentramento [...], um tempo anunciador [...]. Sua tendência era, porém, pelo jogo das contradições bem fortes de que se nutria, ser palco da superação dos velhos temas e da nova percepção de muitos deles [...]. Por isso, também, é que o momento do trânsito pertence muito mais ao amanhã, ao novo tempo que anuncia, do que ao velho. E que ele tem algo *nele* que não é dele, enquanto não pode ser o amanhã. (FREIRE, 1996, p. 56).

² Dimensão ontológica que dialoga com a luta ancestral dos povos andinos, percebido enquanto *ethos* indispensável à compreensão, vivência e construção coletiva do projeto da Interculturalidade Crítica. (WALSH, 2012).

Mas, sim, uma “história” de retrocessos inimagináveis, de proliferação de um vírus produzido, entre outras coisas, a partir da relação do tipo acelerado e predatório do homem contra a natureza, contra os outros e contra si mesmo. Tratar de uma Ciência da Educação nesse contexto só tem sentido se for a partir de pressupostos que neguem esse tipo de relação onde a violência e a colonização são as estratégias pedagógicas basais, afinal apenas “Uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa uma abertura à compreensão das estruturas sociais como modos da dominação e da violência”. (FREIRE, 1996, p. 24).

Dentro desse contexto, (re)pensar-se a partir da realidade vivida é uma tarefa ontológica de fôlego; um exercício que muitas pessoas não possuem condições materiais e/ou imateriais para (re)elaborar. No entanto, é função epistemológica das/os educadoras/es populares, professoras/es, pesquisadoras/es engajadas/os no compromisso de tecer um mundo melhor, refletir sobre esse contexto e propor **inéditos-viáveis**³ de enfrentamento. Um movimento complexo, mas que deve ser tecido em muitas mãos!

Para a Pedagogia, como campo de conhecimento, não é diferente a (co)responsabilidade por enfrentar tal realidade frente a formação crítica das/os futuras/os professoras/es para atuarem nos diferentes lugares de ensinar e aprender. Mas não só. Os cursos de Pedagogia nos últimos anos foram sendo orientados, restringidos para o ensinar, abandonando as demais especificidades do fenômeno pedagógico que perpassa essa função teórico-prática. O universo do pedagógico é multifacetado, não unilateral.

Sua função epistemológica, sociocultural, sócio-histórica e sócio-política encontra-se, nesse formato, recoberta por demandas operacionais limitadas aos modelos e/ou “metodologias ativas” que por vezes desconsideram a especificidade do pedagógico:

O pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como expressão de interesses sociais em conflito na sociedade. É por isso que a Pedagogia expressa finalidades sociopolíticas, ou seja, uma direção explícita da ação educativa [...] (é) uma ciência sobre a atividade transformadora da realidade educativa. (LIBÂNEO, 2010, p. 30).

³ O **inédito-viável** não é, pois, uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma **palavra** na acepção freiriana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto, práxis [...]. Uma **palavra** epistemologicamente empregada por Freire para expressar, com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos de possibilidades humanas. (FREIRE, 2010, p. 224).

Enquanto Ciência da Educação, a Pedagogia acolhe a intencionalidade de uma ação educativa direcionada à transformação da realidade, ou não. Ou seja, articula-se com diferentes campos do conhecimento – outras Ciências, abordagens e saberes – para ampliar a capilaridade pedagógica visando uma ruptura com modelos pré-definidos, com verdades absolutas e com a reprodução de práticas que maquiam o contexto sociopolítico vivido. Mas, na realidade isso nem sempre está acontecendo. Há pedagogias do silêncio, da repetição automática, transmissiva e competitiva, quando, no entanto, ela deveria se ocupar, não com a acomodação ou reprodução, mas com a transformação social.

A Educação Popular, por sua vez, enquanto política pública, se encontra no limite ambíguo da tutela estatal enquanto uma política de minoridade atrelada aos modos burocráticos das políticas do *regime*⁴ estabelecido representado pelas Grades Curriculares Oficiais da educação escolar (educação formal). Conteúdos e pressupostos que estão sendo redesenhadas conforme os ditames da Organização Mundial do Comércio (OMC).

O conjunto de mediações, linguagens, objetivos, didáticas, rituais e intencionalidades formam um *poder-saber colonial* de práticas regidas/ditadas pela lógica Estatal-Capitalista. Projeto que tem o Mercado Financeiro como centro da vida em sociedade, um ente soberano, de necessidade inesgotável e critérios inalcançáveis.

A *práxis da ação-reflexão-ação* educativo-pedagógica defendida e experimentada junto com as pessoas pela Educação Popular freireana transcende a política estatal que a minoriza e busca neutralizar a capacidade e capilaridade libertadora. Nesse sentido, tanto a Pedagogia como a Educação Popular possuem enfrentamentos em comum: a realidade de manipulação, da reprodução de notícias falsas, de proliferação da lógica mercadológica para o fazer pedagógico, o descaso à Ciência e à pesquisa em Educação.

A Educação vêm sendo utilizada pelas políticas neoliberais como arma ideológica, uma política de controle e manutenção através de seu esgotamento epistemológico. Para tanto atacam as Disciplinas das Ciências Humanas e Sociais em detrimento ao conteúdo de demanda mercadológica, utilitarista-instrumental. Entendo que reduzir esse conteúdo é estratégico para manutenção do *status quo*, movimento que se opera com facilidade em um *regime político* neoliberal onde os interesses econômicos continuam sendo a meta.

⁴ A compreensão de *Regime e Subsistemas de Política Pública* que assumo neste ensaio dialoga com a abordagem de Abers *et al* (2018) que definem regime político “[...] como uma estrutura relacional constituída pelos atores estatais e não estatais que têm acesso às discussões e decisões governamentais [...]”. Em síntese, regimes são compostos pela *estrutura das relações* entre atores politicamente relevantes da sociedade e do Estado e destes com arranjos institucionais, regras e ideias instituídos pelos conflitos políticos e por políticas públicas do passado, e são liderados por coalizões governantes”. (p. 31-32).

Sobre essa questão, Brandão, refletindo sobre “*Algumas ideias de vocação freireana e alguns princípios para pensar uma educação destinada a formar pessoas para a vida social ao invés de apenas instrumentalizar indivíduos para o mercado*” (2017), denuncia que:

[...] a educação de vocação utilitária não esconde a que veio e nem a que e a quem serve. Poucas vezes na história um modelo de educação foi tão claro e tão honesto em falar de si mesmo. Existe um lugar real de destinação da pessoa educada? Sim, o mercado capitalista em sua versão neoliberal. Existe um novo motivo ou uma atualização dos objetivos da educação? Sim, preparar pessoas treinadas-capacitadas para estarem “bem no mercado”. Existe um modelo de pessoa educada para este lugar social de vocação financeira? Sim, o “homem de sucesso”, o competidor competente e educado para ser profissionalmente senhor de um saber-utilidade necessário, para ser estrategicamente instruído e motivado a “vencer na vida” e para tornar-se eticamente subserviente a gramáticas de interações que consagram este “vencer na vida” – tão individualista e pragmático quanto possível [...]. (BRANDÃO, 2017, p. 68).

Neste texto Brandão discute o que as políticas, estéticas e ética neoliberal fizeram da Educação: uma ferramenta para formar o que ele denomina por “pessoa-instrumento”. Diante desse quadro assustador, tanto a Pedagogia como a Educação Popular foram sendo sabotadas, cooptadas, esvaziadas e desconsideradas no projeto de sociedade cada vez mais instrumentalizada a serviço do capital. Às pessoas que sobrevivem à margem e a despeito de todo esse movimento de “sucesso” da vida urbana e/ou rural, de negócios, de produtos, serviços e necessidades criadas, resta o empobrecimento institucionalizado pelas políticas neoliberais que abortam, sem constrangimento, a responsabilidade social.

Este cenário abre fendas profundas entre os sujeitos sociais, entre as classes sociais, entre as possibilidades de viver e as diferentes formas de negação à vida. A exclusão desse *sistema-mundo*⁵ tem sede inesgotável, pois sua forma de autopreservação exige a aniquilação. As estratégias de manutenção e ampliação das desigualdades sociais, raciais, culturais, ambientais, de gênero, tecnológicas e geracionais encontram na fragmentação e descredibilidade das Ciências Humanas, Sociais e Políticas, e dos saberes populares e ancestrais produzidos ao longo da história, uma forma eficiente de se fortalecer operando:

⁵ Em diálogo com Quijano (2014), Segato, no livro *Des/colonialidad y bien vivir*, problematiza a categoria “moderno sistema-mundo” a partir do surgimento da América como entidade geosocial no século XVI. Segundo a autora: “La novedad americana significó: colonialidad, como distancia en un ranking de Estados y fronteras administrativas definidas por la autoridad colonial; etnicidad, con la creación de categorías étnicas antes no existentes que acabaron convirtiéndose en la matriz cultural del entero sistema mundial (índio, negro, blanco, ...); racismo, como invento colonial para organizar la explotación en el moderno sistema mundo [...]. Por lo tanto, la precondition del moderno sistema mundo es la colonialidad, un poder global: “Sistema-mundo colonial/modernidad” e/ou “moderno/capitalista”. (SEGATO, 2014, p. 46). Acolho essa compreensão de *sistema-mundo moderno/capitalista* para diálogo e reflexão neste ensaio.

[...] “o enxugamento do saber” sobre a educação, para torná-lo utilidade e, não, uma aventura do espírito. Tal como as grandes e médias empresas, tal como as imita um poder público a elas subordinado, tudo o que se cria se faz em nome de uma redução de gastos e de tempos dedicados ao que não seja a devolução direta ao mercado daquilo que o mercado se imagina investindo. Planos de estudo reduzidos a um mínimo “útil e eficiente” de conhecimentos instrumentais. Um ensino francamente competitivo em todos os seus planos: desde a maneira mercantil e aberta de como as “empresas de ensino” competem entre elas e com as do poder público, até a forma cada vez mais “enxugada” e operativamente funcional através da qual os educandos são subordinados a um ensino que transfere para dentro da escola a maneira de ser, de pensar e de agir da empresa capitalista. (BRANDÃO, 2017, p. 71-72).

Esse movimento de maximização do desenvolvimento econômico a partir do abandono, expoliação, extermínio e empobrecimento sociocultural ganhou força com a lógica implementada recentemente a partir do Golpe de 2016⁶. No entanto, é um projeto exitoso – mas, não sem luta - de um *sistema-mundo* que de modo implícito, muitas vezes explícito, foi sendo implementado ao longo da história *Moderna*⁷. Diante dessa realidade, repensar a *educação como prática da liberdade* nunca foi tão necessário e urgente, pois nesse cenário o que se apresenta, o que parece nos restar é o vazio das aparências, onde:

Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem saber, sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida [...] Rebaixa-se a puro objeto. Coisifica-se. [...] Ajusta-se [...] Apesar de seu disfarce de iniciativa e otimismo, o homem moderno está esmagado por um profundo sentimento de impotência que o faz olhar fixamente e, como que paralisado, para as catástrofes que se avizinham. (FREIRE, 1996, p. 51-52).

Olhar a Pedagogia pelos olhos epistemológicos da Educação Popular é reconhecer que essa realidade, esse contexto de fragilidade democrática, onde a escola está sendo tornada em empresa capitalista e o estudante (des)qualificado como *pessoa-instrumento*,

⁶ Em 31 de agosto de 2016, o Senado Federal, ao responder a um processo questionável de impeachment, destituiu a Presidenta Dilma Rousseff, o que identificamos como golpe. Com o Vice-Presidente Michel Temer à frente do governo, assistimos a uma avalanche neoliberal, desmonte do estado de direito sem precedentes; um retrocesso político, social e econômico. Hoje, imersos em um caos ético e político, o país enfrenta um período de desmonte do Estado de Bem-Estar Social e testemunha tempos inimagináveis. (PIELKE, 2021, p. 02).

⁷ Modernidade/Colonialidade: duas caras de uma mesma moeda. Assim reflete Aníbal Quijano (2011), o sociólogo peruano que desnuda o projeto racial de mundo desenhado a partir da noção excludente e genocida de *não-lugares* sociais, culturais, intelectuais, políticos e econômicos a todo um conjunto de civilizações não-europeias. A Modernidade, foi, sobretudo, um empreendimento colonial exitoso de manutenção da supremacia branca, culta, hetero, machista, conservadora. Moderno reflete esse contexto.

entre tantas outras **situações-limites**⁸, fazem parte do conteúdo ontológico do enfrentamento engajado e consciente. Uma educação pedagogicamente conscientizadora é aquela que se compromete com dimensões elementares à uma sociedade solidária.

Nesta perspectiva, a articulação epistemológica que precisa ser operada demanda um aprofundamento teórico-metodológico em determinadas dimensões que valorizam aspectos sociopolíticos, socioculturais e socioambientais que interajam com outras estéticas acadêmicas, outros modos de ensinar e aprender, mediações que partam de saberes de um cotidiano mantido cativo nas periferias do mundo *Moderno-Capitalista*.

Abrir os armários da Pedagogia de cunho neoliberal com o objetivo de identificar e remover os artefatos tecnocratas esvaziados dos conteúdos sociopolíticos, culturais e históricos pode contribuir com a problematização do fazer educativo mergulhado em “metodologias ativas” que prometem a salvação da aula com pouca ou nenhuma teoria vinculada às práticas, como receitas de bolo de trigo. Esse movimento de ressignificação das intencionalidades, de compreender nas entrelinhas do efêmero, é fundamental!

Vivemos em uma realidade grotesca onde a Ciência da Educação está imersa pelo aligeiramento e fragmentação, margeada por abordagens fragilizadas de conteúdo humano e ético-político; esquecida nas “prateleiras” do Mercado que privilegia os resultados e desempenhos; rotulada de conhecimento obsoleto, “cheio de letras”! Assim, os componentes ontológicos que nos torna humanos com capacidade de empatia, solidariedade, cooperação, participação, protagonismo, sororidade e amor são sistematicamente substituídos pela ética abstrata da competição e do individualismo.

Nessa arena tudo é permitido para alcançar e se manter no “sucesso”! Essa filosofia mercadológica está dentro da sala de aula, inclusive sendo sistematicamente inserida na relação das/os professoras/es, entre as disciplinas que desempenham funções diferenciadas junto ao Mercado de Trabalho. Essa realidade nos espaços não-escolares que se **suleam**⁹ pelo *ethos* da Educação Popular é ainda mais delicado, pois o *público-agente*¹⁰ são pessoas que estão a margem desse Mercado. Aqui a conflitos e contradições

⁸ “Situações-limites” são constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e, ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo. Como não conseguem afastar-se disso, nem se percebem com algum *empowerment*, aceitam o que lhes é imposto, submetendo-se aos acontecimentos. (OSOWSKI, 2010, p. 375).

⁹ O termo “sulear”, cunhado por Márcio D’Oliveira Campos (1991), foi utilizado de modo explícito por Freire, de acordo com Ana Maria Araújo Freire em notas no livro *Pedagogia da Esperança* (1994), como contraponto ao “nortear” cujo significado pode ser identificado com a dependência do Sul (colonizado) em relação ao Norte (colonizador). (ADAMS; PIELKE, 2020, p. 70).

¹⁰ Em contraponto ao termo “público-alvo” minha opção política é considerar as pessoas que participam de um processo educativo, seja escolar ou não-escolar, como coautores do processo, pois exige-se determinado

são as mediações educativas privilegiadas, pois acolher o contexto como conteúdo vivo para problematizações em profundidade envolve valorizar as realidades sem filtro.

Isso significa que a Educação Popular também é acionada pelos critérios capitalistas do *ser/ter*. Tal realidade perpassa todo processo de *ação-reflexão-ação*, inclusive pela relação ambígua da recente política pública de Educação Popular¹¹ que o Estado legitimou. Uma legitimidade assombrada pela descaracterização de muitos aspectos ontológicos, mas, ainda assim, é um movimento de conquista ocupar os espaços instituídos visando buscar enfrentamentos e possíveis superações por dentro da lógica estabelecida, ou seja, a lógica colonial:

Freire, sem utilizar o termo colonialidade, indica de modo articulado seus sentidos relacionados ao âmbito externo – entre sociedades – e âmbito interno, onde as elites reproduzem até hoje a visão, as estruturas e os modos eurocêntricos de vida, com recriação das formas de dominação do colonizador. A colonialidade constitui-se na matriz do poder dominante que se engendrou durante o colonialismo e perdura até os nossos dias reproduzindo-se pelas mais variadas formas de dominação. (ADAMS; PIELKE, 2020, p. 66).

Refletir sobre duas abordagens distintas de problematizar e se relacionar com a Educação e os processos socioeducativos e pedagógicos como são a Pedagogia e a Educação Popular exige assumir os contextos que nos (re)fazem – uma memória histórica que ensina/inspira. O aqui e agora dessas epistemologias estão em disputa, sob muitos aspectos, entre eles de se tornarem uma memória desfocada, debilitada, pois sem prática. A militância dos Movimentos Sociais Populares (MSP) lutam contra a sombra da desarticulação, sabotagem, cooptação e marginalização. Os profissionais da educação pública também sofrem com as políticas que desestabilizam e abortam toda uma construção coletiva: o assédio da colonização dos tempos, espaços, saberes e práticas.

Entre nossas pesquisas, estudos e reflexões, a luta **onto-epistemológica** e **praxeológica** contra a apropriação capitalista das dimensões, das relações humanas, dos saberes ancestrais, populares, ecológicos, místicos e afetivos há sempre a fé no intangível, como também nos **inéditos-viáveis** que mulheres e homens são capazes de coproduzir. Dentro desse campo semântico das possibilidades, ambos saberes – pedagógicos, socioeducativos, éticos e estéticos diferenciados – transitam em um *vir-a-ser* que, apesar de ainda *não-ser*, encontram-se no horizonte que estamos a percorrer, reconhecendo:

protagonismo no processo de conscientização. Isso derruba a percepção assistencial/paternalista que vê o outro como um alvo estático sem autonomia e, portanto, passível de ser direcionado/alienado.

¹¹ Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. Brasília: Secretaria-Geral, 2014.

[...] o fato de (que) me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser objeto, mas sujeito da História. (FREIRE, 1996, p. 60).

Enquanto *seres-em-situação*, em processo de (re)construção permanente, o campo das possibilidades sempre permanece aberto. Essa realidade histórica é cambiante, apesar de complexa, margeada por forças de poder antagônicas, a nossa participação ativa enquanto coprodutoras/es da história, de saberes, metodologias, estéticas acadêmicas outras e infinitas articulações é fundamental! A Educação Popular acolhe a força do existir, do (não)lugar social, dos saberes ontológicos emanados desses pontos de partidas para, por dentro do *sistema-mundo*, ir desvelando suas armadilhas e sabotagens.

A Pedagogia, enquanto Ciência da educação, está sendo desafiada pelo contexto de polarização e radicalismo conservador a se ressignificar. Assumir a tarefa **ontopistemológica** de problematizar os sentidos e significados socio históricos e socioculturais que estão sendo disputados, confrontados, esvaziados, resumidos, descaracterizados nos moldes capitalistas é uma agenda urgente! A Pedagogia como Ciência não é neutra. Ela é “acionada” a partir de diferentes ideologias/intencionalidades:

Existem pedagogias que correspondem a determinadas intencionalidades formativas e se utilizam de instrumental metodológico diverso. Essas pedagogias estão assentadas em matrizes ideológicas distintas, o que as posiciona em lugares diferentes ou mesmo antagônicos na dinâmica social. É neste sentido que se pode compreender que em sua obra (Freire) todas as pedagogias são um desdobramento ou, como Freire gostava de usar, alongamentos da Pedagogia do Oprimido. Esta não ficou no passado como um corpo fixo, mas se movimenta e recria na história [...] como práxis, tensionando dialeticamente ação-reflexão-ação. (STRECK, 2010, p. 307).

A reconstrução da educação que temos - fragilizada pelas políticas neoliberais de base conservadora, assombrada pelo vírus Covid 19 e suas *cepas* mutantes -, para a que precisamos/queremos – conscientizadora, participativa, dialógica, amorosa, solidária e libertadora - requer enfrentar os contextos atravessados por relações assimétricas e verticalizadas de poder. Exige, sobretudo, o fortalecimento, reconhecimento e valorização de sua Ciência constitutiva com base em dimensões ontológicas libertadoras para qualificar o exercício da reflexão crítica sobre a realidade que vivemos.

Sendo dimensão ideológica, a educação é um “produto” importante para todo *regime* que pretende manter o poder, assim como o Capitalismo. A questão visceral que sobrevivemos é que, nos limites do existir, o *regime* de restrição e perseguição política

que estamos experimentando não nos permite superação a curto prazo. Sobreviver sempre pareceu uma estratégia possível, apesar da exclusão sócio-histórica que corre em nossas veias culturais. No entanto, a realidade avançou de fase, agora sobreviver é para poucos.

Encontramos na esfera do cotidiano da ação pedagógica – que perpassa a sala de aula; a formação docente – que não se restringe ao ensino; da construção dos Projetos Políticos Pedagógicos participativos; da Gestão Democrática; dos Conselhos de Educação engajados, do *ensino-pesquisa-extensão*, articulações e parcerias comunitárias que podem minar esses processos de cooptação, apropriação, redução e esvaziamento.

Refletir sobre a Pedagogia enquanto Ciência da Educação, um campo de pesquisa em disputa, em campo minado, mas no diálogo com a Educação Popular nos remete à relação endógena que temos com nossa profissionalidade em trânsito. Qual a intencionalidade que nos move enquanto educadoras e educadores no contexto aqui problematizado? Tratar de ressignificação teórica e metodológica implica em revisão de conceitos, práticas e das verdades que nos constituem como *seres-de-relação*.

Pensar como compreendemos a Pedagogia dialoga com a prática educativa e pedagógica, mas também com nossa dificuldade de estabelecer relações de reciprocidade e de trabalhar coletivamente. A fragilidade da Ciência da Educação denuncia os corpos das/os professoras/es colonizados de várias formas pela lógica mercadológica. Uma relação baseada na intencionalidade de derrubar algumas barreiras de resistência. O cansaço e completo esgotamento diante da realidade viral, e perdas irreparáveis, perpassa nossos corpos refletindo na fragilidade do trabalho acadêmico coletivo e solidário.

A incompreensão em torno do pedagógico emerge dessas realidades, como também de um conjunto de imprecisões, confusões e desconfiguração da grande área que corresponde a fragmentação e reducionismo sociocultural, sociopolítico e econômico. A Pedagogia, assim como a Educação Popular, pelo filtro das políticas públicas neoliberais, são instrumentos de manutenção que nos provocam a insistir na Pedagogia da Esperança.

Um movimento complexo, aberto e em trânsito permanente. Processo que exige, sobretudo, reconhecer que: “[...] alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta ainda os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engajem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão”. (FREIRE, 1997, p. 16). Não existem fórmulas mágicas que desvele a realidade fragmentada representada pela fissura de dimensões **onto-epistemológicas** basais à Pedagogia, assim também como à Educação Popular. As

aproximações entre pressupostos libertadores, contestadores e revolucionários podem abrir fendas históricas que nos permitam enfrentamentos engajados. O desafio do século!

7 Considerações finais

Tratar das possibilidades e limites, aproximações e distanciamentos, desafios e diálogos epistemológicos da interface entre a Pedagogia e a Educação Popular nos permite avançar sobre muitas confusões, imprecisões, distorções, fragilidades, fragmentação e aligeiramentos operados pela lógica das abordagens liberais. Problematizar os rumos sócio-históricos que estão sendo desenhados pela lógica mercadológica para a Ciência da Educação é um compromisso de toda/o profissional que acolheu a grande área da educação como lugar de trabalho, vida e utopia.

A opção pela educação pressupõe, entre outras coisas, a capacidade de diálogo, um espírito aberto e sensível para com a necessária transformação social. Um movimento que assuma a vida das pessoas mais fragilizadas pelo *sistema* como prioridade. Essa intencionalidade política não pode ser uma ideia no plano abstrato dos discursos desprovidos da *práxis*. Caso contrário a realidade de cooptação e apropriação de dimensões elementares ao fazer pedagógico continuará escapando dentre nossos dedos.

A opção pela abordagem (*des*)colonial de pesquisa, de organização da aula, da política pedagógica que assumimos em nossa *praxe* carece estar alinhada com o horizonte de superação da lógica instituída. Os mecanismos de controle estatal e capitalista estão em nossa perseguição, com o poder do *regime* desconstruindo e dificultando toda ação para a revolução, a transformação, a inclusão e a equidade.

Com tudo, ainda podemos *mais*, a indignação precisa se erguer contra tal realidade:

É que a “democratização” da sem vergonhice que vem tomando conta do país, o desrespeito à coisa pública, a impunidade se aprofundaram e se generalizaram tanto que a nação começou a se pôr de pé, a protestar. Os jovens e os adolescentes também, vêm às ruas, criticam, exigem seriedade e transparência. O povo grita contra os testemunhos da desfaçatez. As praças públicas de novo se enchem. Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós. É como se a maioria da nação fosse tomada por uma incontida necessidade de vomitar em face de tamanha desvergonha. (FREIRE, 1997, p. 05).

Um dia fizemos da democracia, da liberdade, da esperança em um mundo melhor as políticas indispensáveis para mais que sobreviver. Carecemos acordar do torpor da “democratização da sem vergonhice” que arrebatou o país! De nada adiantará continuar

discutindo/refletindo sobre dimensões teóricas se na prática a maioria ainda sucumbe ao desânimo da realidade limitada. As condições (i)materiais realmente estão debilitadas.

Contudo, esse processo político ideológico não é uma condição inexorável. É preciso ter em mente isso: é uma realidade que precisa ser retomada a partir de critérios humanizantes e humanizadores. A pedagogia da libertação é uma das janelas epistemológicas para essa construção coletiva e colaborativa. Não é a única. A Pedagogia carece ser recuperada em seu caráter mais amplo para escapar do lugar das receitas procedimentais esvaziadas do compromisso com o contexto de desumanização instalado. Essa é a intencionalidade deste ensaio, trazer para a academia nossa corresponsabilidade.

Referências

ABERS, Rebecca Neaera; SILVA, Marcelo Kunrath; TATAGIBA, Luciana. Movimentos Sociais e Políticas Públicas: Repensando Atores e Oportunidades Políticas *In: Lua Nova: Revista de Cultura e Política* – n. 105, São Paulo: Set./Dec. 2018. p. 15-46 - Dossiê Movimentos Sociais, Estado e Políticas Públicas: Abordagens e Casos. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452018000300002

ADAMS, Telmo; PIELKE, Luciane Rocha Ferreira. Paulo Freire e a Educação Popular: Elementos de (Des)Colonialidade na experiência do CFES/Sul *In: Cadernos CIMEAC* -v. 10, n. 1, 2020. Uberaba/MG: UFTM, 2020.

BRASIL, SECRETARIA-GERAL da Presidência da República. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília/DF: Secretaria-Geral, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Algumas ideias de vocação freireana e alguns princípios para pensar uma educação destinada a formar pessoas para a vida social ao invés de apenas instrumentalizar indivíduos para o Mercado *In: MACHADO, Rita de Cássia Fraga; CASTRO, Amanda Motta. Educação Popular em debate*. Jundiaí, SP: Paco, 2017. p. 27-77.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 22ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito-viável *In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Org). Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 223-226.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. – São Paulo/SP, Cortez, 2010.

OSOWSKI, Cecília Irene. Situações-limites *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 375-376.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. **Contextualizaciones Latinoamericanas** [En línea], Año nº. 5, jul-dic. 2011. Disponível em: <http://contexlatin.cucsh.udg.mx/index.php/CL/issue/view/291>

SEGATO, Rita Laura. Aníbal Quijano y la perspectiva de la colonialidad del poder **In**: QUIJANO, Aníbal (Ed.) **Des/colonialidad y bien vivir**: Un nuevo debate en América Latina. Universidad Ricardo Palma. Peru: Editorial Universitaria. Cátedra America Latina y la Colonialidad del poder. 2014. p. 35-72.

STRECK, Danilo R. Pedagogia(s) *In*: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 306-308.

WALSH, C. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. **Visão Global**, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/article/viewFile/3412/1511>